

Capítulo 19

Representações sociais

Introdução

Os estudos envolvendo os pescadores profissionais da cidade de Porto Rico, estado do Paraná, tiveram início em 1994, com a realização de uma pesquisa sobre as Representações Sociais elaboradas e compartilhadas por eles a respeito do ambiente em que viviam e suas condições de vida (Tomanik, 1997).

Uma das conclusões derivadas daquele estudo foi a de que a pesca, tal como praticada por aqueles profissionais, significa não apenas uma ocupação econômica, mas também e especialmente uma forma de sustentarem conjuntos de relações sociais, familiares e com o ambiente, diferenciados dos que são típicos e esperados para os trabalhadores engajados em condições formais de emprego e moradores dos centros urbanos maiores. Estes conjuntos de relações implicam, basicamente, na valorização da autonomia no trabalho, no contato estreito e intenso com elementos naturais ainda pouco urbanizados e na auto-suficiência (ainda que relativa) do grupo familiar.

Estas formas de trabalho, de relações sociais e com a natureza, embora já permeadas por elementos culturais e ideológicos típicos do modo capitalista de produção, ainda se mantêm diferenciadas, ao menos parcialmente, destes elementos, já que se opõem, por exemplo, ao trabalho parcelado e assalariado e à visão de natureza exclusivamente como fonte de lucro.

Outra conclusão obtida por aquele estudo foi a de que a pesca, tal como praticada por eles, frente às dificuldades próprias da atividade, dos custos, da escassez dos ganhos, mas especialmente frente às práticas e objetivos dominantes na atualidade da sociedade nacional, tende a se extinguir.

A eliminação desta forma específica de atividade provavelmente provocaria, à curto prazo, o desaparecimento de todo um conjunto de Representações Sociais e de outras formas de construções culturais associadas, elaboradas, transformadas e ou mantidas graças à ela. Isto representaria de toda uma série de perdas naquilo que autores como Guattari (1995) e Régis de Moraes (1993) vêm denominando como sócio e psicodiversidade.

Tomando como base estes elementos, outros estudos vêm sendo realizados junto aos pescadores profissionais daquela localidade, visando acompanhar tanto as condições concretas para a efetivação de suas atividades quanto as disposições e interpretações dos mesmos sobre estas atividades.

Um segundo projeto (Paiola, 2000), relatado também em Paiola e Tomanik (2002) buscou compreender as Representações dos pescadores jovens e também dos filhos de pescadores sobre esta forma de atuação profissional e a interferência dessas Representações na perspectiva de continuidade da pesca como atividade profissional naquela localidade.

Como uma forma de monitoramento destes elementos, um novo estudo, semelhante ao primeiro, foi realizado no ano de 2007. Este texto procura sintetizar os resultados do último estudo e estabelecer algumas comparações destes resultados com os anteriores.

Procedimentos

Foram procurados os 15 entrevistados do processo anterior de pesquisa. No entanto, alguns deles haviam mudado, seja para centros urbanos maiores seja para outras cidades ou propriedades rurais na mesma região. Um dos ex-entrevistados estava viajando, na época da realização da nova coleta de informações. Com isto, foram localizados 8 dos participantes da primeira pesquisa e todos eles passaram a fazer parte, também, do grupo de entrevistados do processo mais recente.

Tal como no primeiro processo, além de conversas informais, foi adotado um roteiro básico, que serviu como orientação para a realização de entrevistas semi-diretivas. O roteiro incluiu itens sobre a atividade profissional atual, as expectativas profissionais e de vida dos entrevistados, além das suas avaliações sobre as perspectivas de continuidade da pesca profissional na região e as ações que poderiam ou deveriam ser empreendidas como forma de viabilizar ou de melhorar as condições de trabalho nesta atividade. Informações sobre a trajetória familiar e pessoal dos entrevistados já estavam disponíveis no estudo anterior e, por isto, não foram novamente coletadas.

As entrevistas foram realizadas no decorrer do mês de julho de 2007, gravadas, transcritas e seu conteúdo foi analisado, tal como no projeto anterior, de acordo com as propostas de Bardin (1979).

Resultados e Discussão

A pesca no rio Paraná, em julho de 2007, foi avaliada por sete dos entrevistados como ruim. As razões apresentadas para estas avaliações repetem-se nas falas de cada entrevistado: rio assorreado (cheio de lodo); diminuição nos estoques de peixes cuja pesca é permitida; morte, em grande quantidade, de peixes, especialmente do chamado de botoado. Segundo os entrevistados, isto se deve a dois motivos principais e combinados: a falta de cheias duradouras e a presença das barragens

à montante do rio. Como as barragens retêm a água, impedem o ciclo de cheias, necessário para a reprodução dos peixes. Isto interfere diretamente na quantidade e na qualidade dos peixes encontrados e no assoreamento do rio. O lodo acumulado, além de impedir a captura do peixe, estraga os equipamentos de pesca.

Um dentre esse entrevistados citou a inadequação das leis como um dos fatores a prejudicar a atividade dos pescadores. Segundo ele “[...] quando pode usar a malha [rede] não tem peixe, quando tem peixe não pode usar a malha”.

Apenas um, entre os entrevistados, avaliou como boa a pesca naquele ano. Este respondeu à pergunta considerando o período da entrevista, que ocorreu logo após a reabertura da pesca. Conforme afirmam os entrevistados, é comum ocorrer um curto período, imediatamente após a liberação da pesca, em que resultados desta atividade superam o normal. Tais resultados, afirmam eles, não se mantêm por muito tempo.

No grupo de entrevistados, dois já se haviam afastado da pesca, no período de 1999/2000. Estes continuavam afastados. As razões apresentadas por eles, tanto na pesquisa anterior quanto nesta, foram os baixos ganhos em função da falta de peixes no rio, o que não possibilitava que atendessem às necessidades materiais de sobrevivência, próprias e de seus grupos familiares.

Estes dois entrevistados afirmaram que não gostariam de voltar à atividade da pesca. Um deles havia se tornado pedreiro e afirmou que vivia bem, com a nova profissão. No entanto, nós o encontramos na barranca do rio (lugar de encontro dos pescadores) e, nesta ocasião ele afirmou que, apesar de não querer ser pescador, nem se a pesca voltasse a ser rentável, pois a vida de pescador é muito sofrida, não conseguia passar uma semana sem, ao menos, aproximar-se da barranca para ver o rio: “[...] é difícil ficar um final de semana sem vim aqui pelo menos dá uma olhada no rio, né... sem dá uma olhada nele... agora, da pesca num tenho um pingo de saudade. Sofri muito com pesca, né... pescaria... sofrido demais!”

O outro ex-pescador que afirmou não querer voltar para a pesca passou a trabalhar como piloto de barco. Assim, passou a contar com um salário fixo, registro em carteira profissional e todos os benefícios de um emprego formal. Apesar disto, não afastou-se do rio nem da pesca definitivamente, uma vez que seu trabalho de conduzir pessoas pelo rio inclui ajudar nas pescarias que estas pessoas fazem.

Dois outros entrevistados afirmaram que, ao menos por enquanto, continuavam na atividade, embora também sofressem as dificuldades apresentadas pelos anteriores; afirmaram gostar do rio e que se esforçavam para continuar na vida que desejavam, em contato direto com a natureza.

Os quatro restantes afirmaram que iriam continuar com a pesca, porém, tendo uma outra atividade “no seco” (em terra) pois, como os dois primeiros, reconheciam que a atividade, apesar de desejada, não oferecia condições para a sobrevivência deles e de seus grupos familiares. Para um deles, inclusive, a atividade nem era considerada trabalho: “[...] se a pesca desse dinheiro eu não arrumava trabalho [Entrevistador: Pescar não é trabalhar?] Não! Pescar é trabalhar mas é divertido! Cê tá pescando lá mas é divertido ... eu gosto de pescar!”.

Em relação ao futuro da pesca, nenhum dos entrevistados apresentou expectativas de que iria melhorar, ao contrário, todos consideravam que iria piorar, a ponto de ser totalmente inviabilizada e de extinguir-se, como atividade profissional.

As sugestões, por eles apresentadas, para que houvesse mudanças na situação da pesca, tal como no estudo de 1999/2000, foram classificadas segundo a possibilidade de intervenção por parte dos entrevistados.

A sugestão de que as usinas hidrelétricas funcionassem de forma a permitir que o rio encha pelo tempo necessário, foi apresentada por cinco deles. Outras sugestões, citadas uma vez cada, foram as de fechamento da pesca pelo período de 5 a 10 anos, oferecendo aposentadoria ou seguro para os pescadores registrados na Colônia; que fossem soltos mais peixes no rio; que os responsáveis pela elaboração das leis que regulamentam as pescas no rio os consultassem para elaborar ou para melhorar tais leis e que houvesse orientação, por parte da prefeitura, para que os turistas parassem de cortar as cordas e redes dos pescadores que estivessem instaladas no rio. Segundo o autor desta proposta, o que para o turista é diversão, para o pescador é sobrevivência.

Como se pode ver, todas as propostas apresentadas têm sua execução ou implementação depende de outros atores sociais, que não os próprios entrevistados. Apenas a sugestão de que os pescadores, em função de seus conhecimentos sobre a dinâmica do rio e os ciclos de vida dos peixes, passassem a ser consultados para a elaboração de leis de proteção ambiental, envolveu alguma forma de participação deles mesmos. Ainda assim, a efetivação desta proposta, tal como apresentada pelo entrevistado, deveria partir das autoridades competentes.

Os dois entrevistados que se dedicavam unicamente à pesca alegaram que, mesmo com alguma dificuldade, estavam conseguindo garantir seus sustentos, graças à esta atividade. Dos demais entrevistados, 4 estavam atuando na construção civil, 1 trabalhava como peão em uma fazenda de gado e o outro, como já foi dito, estava contratado como piloto de barcos.

Tanto os dois entrevistados que se mantinham dedicados à pesca como o piloto de barcos e o peão de fazenda se diziam satisfeitos com as atividades que exerciam. Já dentre os 4 entrevistados que se dedicavam à construção civil, apenas um deles se disse satisfeito com a atividade. Os outros três consideraram-se insatisfeitos, pois gostariam de poder dedicar-se apenas à pesca como atividade e fonte de sustento.

Em relação à suas disposições para o futuro, 2 dos entrevistados, conforme já visto, não queriam voltar para a pesca, apesar de um deles ainda atuar de forma próxima a ela. Os demais entrevistados afirmaram que se, a quantidade de peixes aumentasse a ponto de aumentar a rentabilidade da pesca, voltariam a pescar profissionalmente.

Esta sua disposição parece ganhar sustentação no fato de que todos eles, de uma forma ou de outra, buscam alternativas de ação que lhes permitem manter o contato com a pesca, seja de forma direta, seja indiretamente (já que eles ainda pescam nas horas vagas e finais de semana). Além disto, todos mantêm contatos entre si e com os antigos companheiros de pesca.

Ao serem questionados acerca do que pretendiam ser e ter no futuro os entrevistados apresentaram um conjunto de 19 respostas diferentes. Destas, o conteúdo de 7 indicava o desejo, manifesto por seus elaboradores, de continuarem a ser pescadores. Outras 4 apontavam os desejos de manutenção de seus trabalhos atuais, fora da pesca. Houve também uma resposta que apontou a saúde como o principal... “meu velho pai sempre diz ‘saúde em primeiro lugar!’ saúde é o mais importante, né?”. Houve ainda aquele que afirmou que pretende continuar sendo ele mesmo. Assim, 13 das respostas indicaram pretensões ou desejos de continuidade das condições e situações atuais.

Um segundo grupo de respostas evidenciou a existência de interesses na conquista ou na obtenção de algo ainda não disponível. Duas destas respostas indicavam que seus elaboradores gostariam de continuar a ser pescadores, mas que gostariam de dispor de mais dinheiro. Isto, porém, parece não implicar em que almejassem levar vidas muito diferentes das que viviam no momento. Um deles afirmou “[...] quero ser rico [...] e eu vou comprar um barco pra mim pra continuar pescando”

Uma resposta indicava apenas a intenção de conseguir um trabalho para manter a família e a última a pretensão de ter uma vida tranquila, sem ter que se preocupar com gastos.

Percebe-se que para o grupo pesquisado, parte do seu futuro já estava conquistado, restava conseguir mantê-lo. Longe de indicar apenas um alto grau de conformismo ou a existência de ambições extremamente limitadas, o conjunto destas respostas

sugere a existência de duas preocupações bastante intensas: os receios de perder o (pouco) que já conquistaram e de, em função de terem que abandonar a atividade de que gostam e o estilo de vida decorrente dela, de deixarem de ser quem são.

O conjunto de respostas dadas a outra pergunta contribui para reafirmar esta percepção: quando questionados sobre o que fariam se, por meio do próprio trabalho, ficassem muito ricos, todos reafirmaram o desejo de manter moradia em Porto Rico. Seis deles disseram que continuariam pescando; dois afirmaram que trabalhariam promovendo rodeios na cidade e região. O último reafirmou que seria ele mesmo e que compraria um barco para ir para o rio.

Assim, mesmo quando convidados a imaginar uma situação ideal, as aspirações que apresentaram não ultrapassavam as fronteiras, seja do município, seja do próprio cotidiano.

Em relação aos resultados encontrados no estudo anterior (Paiola, 2000; Paiola e Tomanik, 2002) a pesca, em 2007, foi percebida pelos entrevistados como em situação pior que no período de 1999 a 2000.

Tal como no primeiro estudo, persiste, na maioria dos entrevistados, o desejo de permanecer atuando como pescadores, seja por seu passado, pelo prazer que a atividade lhes proporciona, seja pela manutenção de suas identidades como profissionais e como pessoas. As condições concretas, porém, parecem não contribuir para a concretização de seus desejos. Em função delas, quando perguntados sobre sua disposição para continuarem a ser pescadores, alguns dos entrevistados respondem de forma condicional: “sim, por enquanto”. Esta forma de expressão parece ser a equivalente de “sim, mas com dias contados para não ser”.

Assim, a resposta “sim, com outro trabalho” aparece como a alternativa mais viável para que eles não tenham que abandonar a atividade que os identifica e que permite a eles manter seu estilo de vida.

Quanto ao futuro da pesca, tal como nos estudos anteriores, a percepção dos entrevistados é a de que vai piorar. O que difere nas percepções elaboradas nos dois momentos é o acréscimo de alguns elementos negativos, que não apareciam no primeiro estudo: o assoreamento do rio e a mortandade de peixes. Estes dois elementos, embora temporários, centralizavam preocupações muito intensas, no momento do estudo mais recente e é possível que tenham influenciado na intensidade das respostas embora, provavelmente não nas tendências das mesmas, já que todas as demais dificuldades já presentes no estudo anterior (diminuição dos estoques pesqueiros, condições inadequadas de trabalho e de comercialização do pescado, baixa lucratividade) persistiam e vinham mesmo sendo agravadas.

Um elemento novo e positivo apareceu na sugestão de um dos entrevistados, de que os pescadores deveriam ser chamados a colaborar, com base em seus conhecimentos, na busca por melhorias no estabelecimento das leis que regulamentam o uso do rio e a pesca.

As expectativas que os entrevistados manifestaram para o futuro e que demonstram preocupações mais intensas com a manutenção do que têm e são, provavelmente são o resultado das pressões que vivem. No estudo de 2000, diferentemente deste, as pretensões eram de vida tranqüila. Esta mudança sugere, mais uma vez, que o agravamento das condições de trabalho desejadas por elas vem influenciando, de forma direta e negativa, suas concepções e aspirações para o futuro: para sobreviver de forma minimamente satisfatória, provavelmente terão de deixar de ser quem são. Isto já aconteceu com outros de seus colegas e os que ainda permanecem como moradores da cidade passaram a manter formas indiretas de contato com o rio e com a atividade que os identifica.

Os entrevistados nas suas percepções de futuro, talvez não sintam mesmo que haverá futuro!

Quanto às aspirações idéias, tal como em 2000, os entrevistados manifestaram o desejo de manterem-se no estilo de vida próprio, mesmo sob condições econômicas ideais. Não expressaram desejo de afastar-se de seu mundo e o que ele envolve. Percebe-se uma auto-imagem sustentada por um apego, material e subjetivo, ligado ao lugar em que nasceram e vivem.

Assim, eles mantêm o desejo de continuidade do próprio estilo de vida. Só que esta continuidade parece vir se tornando, a cada vez, mais difícil.

Referências

BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. São Paulo: Martins Fontes, 1979.

GUATTARI, F. *As três Ecologias*. Campinas: Papirus, 1995.

PAIOLA L. M.; TOMANIK E. A.; Populações tradicionais, representações sociais e preservação ambiental: um estudo sobre as perspectivas de continuidade da pesca artesanal em uma região ribeirinha do rio Paraná. *Acta Scientiarum* 2002; 24(1):175-180.

PAIOLA, L. M. *Ambiente e Representações Sociais*: trajetórias e expectativas de vida dos filhos de pescadores e pescadores jovens do núcleo urbano de Porto Rico - Pr. Maringá, Dissertação (Mestrado em Ecologia de Ambientes Aquáticos Continentais) – Departamento de Biologia, Universidade Estadual de Maringá, 2000.

RÉGIS DE MORAIS, J. F. *Ecologia da Mente*. Campinas: Editorial Psy, 1993.

TOMANIK, E.A. Elementos sobre as representações sociais dos pescadores “profissionais” de Porto Rico. In: VAZZOLER, A.E.A.M.; AGOSTINHO, A.A.; HAHN, N.S. *A planície de inundação do alto rio Paraná*: aspectos físicos, biológicos e socioeconômicos. Maringá: EDUEM, 1997. p. 415-434.

